

TRABALHO E EDUCAÇÃO



*Maria da Graça Corrêa Jacques**

Bom dia a todos. É com muito prazer que estou aqui conversando com vocês sobre um tema que julgo da maior relevância e pelo qual tenho um interesse todo especial visto se tratar de um dos temas de minha tese de doutorado. É um tema complexo e que permite formas diversas de abordagem. Tive que optar por um recorte visto a exigüidade de tempo e os propósitos desta palestra. Nesta opção procurei levar em conta o possível interesse de vocês, elegendo os aspectos mais presentes nessa discussão nos tempos atuais. Deixei de lado uma importante faceta - o trabalho como princípio educativo - que fica, talvez, para outra oportunidade.

A relação trabalho & educação vem sendo objeto de reflexões e tema de programas e de material jornalístico dos veículos de comunicação que ao mesmo tempo que atestam o "colapso" do sistema educacional brasileiro, apontam a educação, mais especificamente a escola formal, como um dos principais fundamentos para o desenvolvimento do país. O setor produtivo brasileiro reclama por um trabalhador com elevado nível educacional capaz de conviver com as profundas mudanças introduzidas nos processos de trabalho, com máquinas informatizadas, em células de produção, em atividades que lhe exigem capacidade intelectual e criatividade. Pelo menos no discurso dos nossos empresários o "perfil do trabalhador" não é mais o do "homem-boi" apregoado pelo taylorismo-fordismo, modelo de organização do trabalho em que cabia a cada trabalhador a execução de uma simples operação, de forma repetitiva e em um ritmo determinado pela linha de montagem. Quando me refiro a pelo menos no discurso, estou querendo apontar de que é um engano imaginar que a simples introdução de máquinas computadorizadas e/ou células de produção represente uma ruptura com o modelo taylorista-fordista e de que muitas vezes este "novo perfil" almejado não tem qualquer relação com as atividades que serão desempenhadas no cotidiano laboral: atividades repetitivas e de caráter simplesmente executivo. O que se tem, talvez, pela introdução da rotatividade de funções, é a execução de uma determinada operação, depois de

* Professora da UFRGS.

outra, de outra e de mais outra, até retornar a operação inicial. Percebam bem que não muda a natureza da organização do trabalho e, ao contrário, o que ocorre é um aumento da fadiga e do estresse ocupacional pelas responsabilidades que são imputadas ao trabalhador e por lhes retirar um fator importante na relação do trabalho com a fadiga e o estresse ocupacional: a familiaridade com a tarefa.

Essas observações que lhes apresento a título de introdução tem o objetivo de suscitar uma análise crítica de todo esse discurso que está aí posto sobre o papel da educação na formação do trabalhador. E além disso assinalar, também a título introdutório, de que esse tema, embora aparente ser um tema típico dos anos 90, foi objeto de preocupação de figuras importantes como Marx, no século XIX, e de um importante pensador italiano do início desse século, Gramsci, que enquanto preso político escreveu uma série de reflexões, em seus diários do cárcere, a respeito. Também, vai se constatar na literatura e na mídia dos anos 70 no Brasil um discurso e uma preocupação muito semelhante à atual, como teremos oportunidade de referir mais adiante.

Bem, estou falando muito em trabalho e em educação mas esses dois vocábulos comportam significados muito variados. Cabe então a questão: a que trabalho e a que educação estou me referindo?

Com relação ao vocábulo trabalho, o dicionário expressa diferentes significados como lida, fadiga, obra realizada, aflição, empreendimento, emprego, ação, feitiço, despacho. Observem que os significados — e eu citei só alguns — remetem a sentidos variados e que não é possível aglutiná-los para com isto alcançar uma significação mais completa. Tem uma autora que na minha opinião expressa muito bem o que estou tentando demonstrar a vocês. É Agnes Heller. Ela diz:

Com respeito ao trabalho não falamos de uma definição mas de uma aproximação(...) conceitos de trabalho distintos (não completamente utilizáveis e nem integráveis racionalmente um com o outro) (Heller, 1989, p.76).

Ao procurarmos a origem etimológica do termo, encontramos-la no latim *tripalium*. E o que significava *tripalium*? Referia-se a um instrumento de tortura de três paus e também a um instrumento de cultura de cereais. Vejam que a origem da palavra já aponta para uma significação controvertida. Esta origem nos permite duas constatações:

- a associação trabalho/sofrimento, muito bem expressa no castigo divino a que a Bíblia se refere: “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. (Só para acrescentar: “e parirás com dor”. A mulher Eva e suas descendentes foram duplamente penalizadas);

- o surgimento da palavra trabalho nas sociedades que praticavam a agricultura. Notem que na atividade agrícola, o homem planeja anteriormente e intencionalmente suas ações com vistas a um projeto futuro. Projeta sua ação a partir da antecipação mental de um produto.

Estou destacando esse sentido da palavra trabalho - o caráter de planejamento consciente anterior - para tentar traçar um paralelo com a expressão educação. Pegando emprestada as palavras de Henfil, figura brasileira creio que conhecida de todos e não tão somente por ser irmão do Betinho, e que assim respondeu quando lhe perguntaram: o que é trabalho?

O trabalho é a mágica que faz os homens se transformarem em seres inteligentes, capazes de criar de um ovo uma omelete, de um tecido, uma fantasia, de um barulho, uma música (Henfil, Revista Nova Escola, ano I, n.3, maio de 86).

E educação?

Nesse mesmo texto do Henfil, ele cita palavras do cacique Apoena que diz: “Uma árvore não pode ensinar outra árvore a crescer”. O que fica, como mensagem, é de que o homem sim pode ensinar outro homem a crescer e faz isto através da educação.

Portanto, no interior dos contextos coletivos de formação do adulto, tudo que existe como algum tipo de saber, também existe como algum modo de ensinar, e é este o sentido que aqui estou querendo dar ao vocábulo educação. Nas palavras de Davidov (1988, p. 12), autor que escreveu alguns livros sobre educação, esta consiste “em um processo de formação que tem lugar durante toda a vida, desde o nascimento até a morte”. Ou, nas palavras de um trabalhador, que diz assim:

A gente não nasce sabendo. A gente nasce aprendendo com o outro. Um aprende com o outro no mundo. Os mais velhos ensinando os mais novos que vão ensinando os mais novos e assim vai. O mundo vai sempre girando, sabe?

Se a educação se faz em um mundo ela é determinada pelas demandas desse mundo, representadas pela cultura. Tem uma carta enviada pelos índios norte-americanos aos governantes brancos quando da assinatura do Tratado de Paz que expressa muito bem o quanto a educação é definida pelas situações próprias de uma determinada cultura. Diz:

Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o melhor para nós e agradecemos de todo o coração... Muitos de nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não servem como guerreiros, caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão, oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos, e faremos deles, homens.

Evidentemente não mandaram.

Bem, se educação tem um sentido tão amplo como estou querendo demonstrar, por que a associação tão freqüente entre educação e escola?

Os autores apontam os séculos XV e XVI como o período de disseminação da escola intimamente relacionada ao controle dos estudos e a supervisão dos estudantes. Ou ainda, como aponta Foucault (1979): a conversão do espaço escolar como espaço privilegiado de educação, acompanha, historicamente, a criação de instituições com o objetivo de exercer CONTROLE SOCIAL. As chamadas Teorias da Reprodução em Educação com base nos trabalhos de Althusser (1985) e Bordieu (1975), os mais conhecidos, foram muito bem sucedidas em demonstrar como a escola reproduz as desigualdades sociais (é só comparar as escolas de periferia dos grandes centros com escolas particulares que recebem alunos das camadas média e alta da sociedade) e como tem sucesso em desenvolver condutas e hábitos que serão exigidos no mundo do trabalho: a disciplina (representada pela sineta, pela fila, pelo silêncio, pela obediência), a ordem (cadernos e livros em bom estado), o controle e a hierarquia (representados pelo professor) para citar algumas analogias. Essa constatação mostrou quão

frágil era a proposta que vigorou no Brasil nos anos 70 (à qual me referi no início dessa exposição) de que era possível à educação formal promover, sem contradições, o desenvolvimento pessoal e social através da qualificação da força de trabalho. Em determinados momentos, tenho receio de que se esteja voltando a falar da relação trabalho-educação dentro dessa perspectiva ingênua que no Brasil, coincide com o ideário do regime político instalado em 64. Esse meu receio cresce quando vejo o retorno freqüente, através das páginas da Revista Veja, de um dos grandes defensores do programa de educação proposto pelo regime militar, Cláudio de Moura e Castro, defendendo essas idéias.

Todos nós nos damos conta de como o ensino formal reproduz as desigualdades sociais. Um trabalhador assim se posiciona:

Eu queria ser advogado. Depois de 17, 18 anos eu estava fazendo a 8ª. série... Aí eu desisti. Desisti por completo.

E não é uma situação isolada. No entanto, provavelmente, cada um de vocês está lembrando de um caso, de um fulano, que progrediu na vida através da escolarização, mais ou menos do tipo "gente que faz" do Bamerindus. Vocês sabem que nossa memória é pródiga em nos recordar a exceção pois tendemos a memorizar aquilo que nos chama a atenção e não o lugar comum. Mas essas exceções nos remetem, também, a visualizar a escola não só como um espaço de reprodução, mas também, como um espaço de resistência e de relações sociais nem sempre tão autoritárias e hierarquizadas. É através da resistência que se pode constituir um espaço de transformação tanto individual (as exceções) como social (as conquistas sociais alcançadas através dos movimentos estudantis). Essa dualidade que o espaço escolar propicia (dominação X libertação) está muito bem representada em um estudo desenvolvido por Gaudêncio Frigotto (1983) a respeito dos cursos do SENAI. O autor demonstra, nesse estudo, o quanto essa organização (o SENAI) tem o objetivo de desenvolver valores, atitudes e hábitos nos aprendizes, adaptando-os às formas futuras de relações de trabalho. No entanto, o próprio autor ao final de seu artigo, questiona o poder dessa inculcação e um fato concreto corrobora para o seu posicionamento: no Brasil, dos 13 sindicalistas do ABC paulista condenados pela Lei de Segurança Nacional, 9 haviam passado pelo SENAI.

Que proposta reflexiva estou propondo através dessa exposição até aqui?

De que a partir do momento em que o fruto do trabalho passou a gerar excedente e conseqüente acumulação de bens, articulou-se a posse e o poder

desses bens, separando os homens em categorias desiguais. Essa mesma posse e poder dividiram também o saber (os que sabem e os que não sabem) e, ao dividi-lo, também repartiram o trabalho de ensinar tipos específicos de saber a tipos específicos de sujeitos. E que a escola se inscreve nesse modelo e que, portanto, reúne, organiza, manipula e transmite conhecimentos, condutas e hábitos próprios ao lugar que o sujeito vai ocupar na hierarquia do mundo do trabalho, embora, contraditoriamente, também seja uma escola de resistência à reprodução.

Tem um exemplo relatado por Marglin (1989) no livro de André Gorz "Crítica da divisão do trabalho" que bem ilustra o que estou procurando assinalar. Ele conta a história de um sapateiro, que foi aprender a fazer sandálias com um mestre de ofício, famoso fabricante de sandálias. O homem ensinou-lhe todos os segredos do ofício, menos a arte de comprar couro pois para aprender tal arte necessitaria de uma determinada quantia em dinheiro para adquirir o couro e aprender a arte de comprá-lo acompanhando o mestre. Incapaz de obter tal soma, jamais pode estabelecer-se por conta própria, e, trabalhou, por toda a sua vida, fabricando sandálias para o mestre.

Sob esse ponto de vista a relação entre trabalho e educação tem que ser compreendida a partir da ótica da divisão do trabalho, a partir da exclusão do controle sobre o processo de trabalho imposta ao grande contingente dos trabalhadores brasileiros: a realização de atividades sem qualquer sentido e/ou significação, ou seja, sem possibilidade de projetar a omelete ao quebrar os ovos, a fantasia ao cortar o tecido, a música ao produzir sons. Assim, o clamor por educação para a classe trabalhadora brasileira a fim de fazer frente às demandas impostas pela reestruturação produtiva em função da globalização, não propõe uma relação entre trabalho e educação como aqui conceituei esses termos. Para lembrá-los:

Trabalho é a mágica que faz os homens se transformarem em seres inteligentes, capazes de criar de um ovo, uma omelete, de um tecido, uma fantasia, de um barulho, uma música.

Educação é a capacidade humana de ensinar outro homem a crescer.

Sob o meu ponto de vista, se não se muda a concepção de organização do processo de trabalho, a divisão entre planejamento e execução, não se pode propor uma relação entre trabalho e educação, mas tão somente uma relação entre habilidades e escolaridade. Ou seja, a aquisição de determinadas habilidades

através do processo de escolarização, habilidades essas variáveis de acordo com as exigências do modelo produtivo de um determinado contexto sócio-histórico. No momento atual, habilidades que as máquinas computadorizadas, as células de produção e as políticas de gestão de recursos humanos, por exemplo, estão a demandar.

Se não é correto se falar na relação entre trabalho e educação sem considerar o sentido humano desses vocábulos, não resta dúvida que alguns avanços podem ser constatados. O tipo de habilidade hoje exigida do trabalhador vai muito além daquela de apertar parafuso numa linha de montagem tão bem representada por Charles Chaplin no filme "Tempos Modernos", pelo menos em alguns setores produtivos, e infelizmente, não na maioria. São habilidades que se aproximam mais daquilo que consideramos como tipicamente humano e que nos distingue dos animais: o pensamento e o ato consciente e livre. E, se a instituição escola foi criada com o objetivo de reprodução social ela vem, ao longo dos anos, também se constituindo em espaço de resistência e de libertação. É essa a mensagem, que eu classifico como extremamente contraditória, que eu busquei expor para vocês como um estímulo à reflexão e à análise crítica desse discurso posto.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelho ideológico do Estado*. Lisboa: Presença, 1985.
- BORDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*.
- DAVIDOV, Vasili. *La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico*. Moscou: Progresso, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho, educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. pp. 254-274.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HENFIL. O que é trabalho? *Revista Nova*, ano I, n.3, maio de 1986.

MARGLIN, Stephen. Origem e função dos parcelamentos das tarefas. In: GORZ, André (org). *Crítica da divisão do trabalho*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. pp. 37-78.